

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 885
GUIMARÃES, 16 de Janeiro de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

UM GRANDE «MAESTRO»

Triste como a grandeza, disse Alguém.
Se tudo que é pequenino tem graça, tudo que é grande tem de ser triste. A grandeza é solene, a solenidade é grave, a gravidade é melancólica, a melancolia é tristonha.

Um grande amor é sempre belo e triste...
Por que era triste o amor do poeta? Por ser grande. Os pequenos amores são alegres, são passageiros, nascem e morrem sem deixar saudades, aparecem e desaparecem como o fumo. A própria fealdade, as anomalias, mesmo, sendo grandes nunca são cómicas — são trágicas. Não fazem rir — fazem chorar. A grandeza impõe-se, nunca provoca as gargalhadas — porque é triste...

Por isso eu tenho pena, imensa pena, do pobre Pierino Gamba que apenas com onze anos de idade é já um grande maestro.

E já há dois anos que ele anda nos jornais! Há dois anos já! Tinha portanto nove quando começou a dar brado, a ser grande, a ser aquele menino-prodígio de quem todo o mundo fala!

E desde que principiou a ser notado como menino-prodígio, passou a não poder ser menino... sem ainda ter sido homem! Esta grandeza precoce traz-lhe inconvenientes. Enquanto as outras crianças brincam, ele estuda e pensa. Talvez uma vez ou outra Pierino se esqueça de quem é e brinque ou tente brincar. Vi-o numa gravura de certa revista, pulando junto de vários rapazes. Isto, porém, não é natural em Pierino Gamba, e tanto não é natural que surgiu logo um repórter-fotógrafo ansioso por apresentar ao público a estupenda novidade!...

Natural em Pierino Gamba será a ponderação, a aplicação, o isolamento, o trabalho constante.

Essa criança sublime que mais que nenhuma outra precisava de se distrair, nunca o conseguirá fazer bem. O estudo, os ensaios, o peso das responsabilidades antes das audições, o eco das ovações depois das apoteoses, forçosamente lhe hão-de desafinar os nervos privando-o do melhor calmante — o sono.

Pierino deve dormir pouco e sonhar muito... de olhos abertos. As crianças que sonham de olhos abertos — as que meditam — não são, por via de regra, alegres. E Pierino Gamba não pode ser alegre sem as alegrias da infância — os folguedos, as traquinices, as ilusões próprias da idade. Interrogado ao microfone sobre o que pensava do nosso Natal, Pierino respondeu nada poder dizer sobre isso pois na véspera e na noite do dia de Natal realizara os seus dois concertos, no Coliseu do Porto...

Desoladora resposta.
Não creio que as palmas, os bravos, as aclamações ao maestro compensassem o garotinho do muito que perdeu em não conhecer o Natal português — tão carinhoso e tão doce!...
Menino-prodígio, pobre menino de oiro, que me inspiraste o inevitável soneto — inevitavelmente triste...

PIERINO GAMBA

Não me digas que brincas, meu menino, como qualquer menino alegre e forte. Domina-te o mistério do teu porte, do teu valor, do teu sestro divino.

Não, meu amor, eu não te invejo a sorte, para os meus não queria tal destino... Ser-se tão grande, assim tão pequenino, é mil vidas viver antes da morte.

Embora o sol da glória doire tudo e os abrolhos pareçam de veludo à luz enganadora do proscénio,

Que triste caminhar por entre assombros sentindo vacilar nos frágeis ombros o peso esmagador da cruz do génio!

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

O Aniversário do nosso jornal

A propósito da passagem do 17.º aniversário da fundação do nosso jornal, que ocorreu no passado dia 11, numerosos amigos nossos vieram trazer-nos o seu abraço de felicitações e outros de fora manifestaram-nos de igual modo, por meio de telegramas, telefonemas e cartas, o seu apreço e estima pelo Notícias de Guimarães.

entre os quais destacaremos o nosso distinto colega local Comêcio de Guimarães, também se referiram ao acontecimento em termos que deveras nos sensibilizaram.

Uns e outros dão-nos ânimo e coragem para prosseguir.

A todos aqui deixamos expresso o nosso reconhecimento por tantas deferências e provas de consideração.

O Chefe do nosso Distrito falou ao eleitorado vimezanense

«E' para mim uma subida honra colaborar, nesta terra de tradições nobilíssimas, onde nasceu Portugal, numa campanha destinada a defender o prestígio, a honra e o engrandecimento desta Nação.

Ainda se não apagaram os ecos das palavras solenes, verdadeiramente proféticas, proferidas do alto dos muros do Castelo de Guimarães pelo Senhor Presidente do Concelho, nas Comemorações Centenárias da nossa independência. Essas palavras não podem ter sido proferidas em vão. PORTUGAL tem de viver e de viver com honra.

Para isso, temos de unir-nos todos os portugueses, que o são no coração e na alma, jurando, em face das pedras sagradas do Castelo que viu nascer Afonso Henriques, que nos deixaremos guiar unicamente pelo interesse supremo da Nação.

Não se trata, neste momento solene da nossa vida política, da escolha de um homem; trata-se da consagração de uma obra, que nos redimiu e nos está nobilitando.

Se tivéssemos de escolher alguém para ocupar o cargo de Chefe do Estado não encontraríamos uma só pessoa que excedesse o Senhor Marechal Carmona em virtudes cívicas, em apuro moral, em distinção, em nobreza, e firmeza de atitudes, predicados já sobejamente demonstrados no longo período em que, com dignidade incomparável, tem ocupado esse cargo.

Mas não temos — repito — de escolher um homem. Temos de optar entre a continuação da obra de paz, de resurgimento, e de engrandecimento do País e o regresso ao regime de lutas civis, de desordens, de misérias, de empobrecimento e de aviltamento a que estivemos votados.

Haverá alguém, digno do nome de português, que possa hesitar? Em quaisquer circunstâncias, seria uma loucura o regresso a um passado que nos encheu de luto e de vergonha.

Mas, nas circunstâncias que atravessa o mundo, vendo ameaçadas de perigo gravíssimo a nossa civilização, a nossa cultura, os nossos lares e a nossa paz, aquele regresso seria semelhante a um suicídio. E nós não queremos suicidar-nos. Queremos viver, queremos conservar este nosso Portugal que herdamos dos nossos antepassados e que temos o dever de legar intacto aos nossos filhos.

O que conseguiriam, se triunfassem, os nossos adversários, que por cruel ironia proclamam a liberdade, seria reduzir-nos à escravidão, como a que sofrem outras nações, onde não há liberdade de pensamento, nem liberdade de trabalho e onde os povos são conduzidos como rebanhos de animais irracionais.

O que eles pretendem, invocando, por estranho sarcasmo, os princípios da democracia, é impor a vontade tirânica dum partido, não permitindo que o povo se manifeste senão com aplausos.

O Estado português, que adoptou princípios de verdadeira e autêntica democracia, isenta de fíções, vem perguntar ao povo se quer continuar a ser governado como até aqui, se quer continuar a ver a Nação enriquecida, se quer continuar a viver em paz, se quer ver dia a dia melhoradas as condições de trabalho e de vida, se quer continuar a ver a nossa Pátria apontada no mundo como modelo e invejada pelas outras nações, ou se quer abandonar tudo isso e entrar no caminho da desordem e da anarquia.

Os primeiros 16 anos da República foram uma experiência dolorosíssima: crises ministeriais sucessivas, revoluções, assassinios nas ruas, ruína financeira, empobrecimento da Nação, assaltos aos jornais, desprestígio de Portugal perante o mundo.

Atravem-se os que representam as ideias que dominaram esse período a falar em liberdade. Imaginam que nós somos destituídos de memória e não nos recordamos já das violências que exerciam contra os que ousavam esboçar, nos actos eleitorais, uma sombra de opposição, à qual opunham as prisões, e, pior do que isso, os tiros e as bombas.

Essa época é para nós um pesadelo, cuja lembrança nos horroriza. Temos as liberdades, que são fundamentais, e que nos permitem a todos trabalhar e viver com honra.

A eleição que vamos realizar faz-se à sombra de leis, iguais para todos, e não será perturbada com violências ou arbitrariedades. Em 22 anos que já conta a actual situação temos gozado uma época de paz, sem dúvida das mais notáveis de toda a história de Portugal. E tivemos a felicidade de encontrar, a governar-nos, e a ocupar o lugar de chefe supremo do Estado, homens verdadeiramente excepcionais e providenciais.

Quererá o povo dispensar esses homens e voltar atrás? Seria mais que uma loucura: — repito — seria um crime, um suicídio. Meus senhores, se vos perguntar se devemos votar no Senhor Marechal Carmona, a mais simples consideração de civismo e de patriotismo obrigavos-a a responder: sim!

Banquete de homenagem ao senhor

António José Pereira de Lima

Da Comissão Promotora desta homenagem recebemos a seguinte nota:

Para o Banquete de Homenagem ao Ex.º Sr. António José Pereira de Lima, prestigioso vimezanense que ao progresso de Guimarães tem dedicado o melhor do seu esforço, quer na Câmara Municipal, a quando da sua passagem pelo Município, quer na Comissão das Festas da Cidade, a que tem presidido muitos anos, quer na Irmandade dos Santos Passos, de que é muito digno Provedor, quer na Comissão de Melhoramentos e na Junta de Turismo da Penha, encontram-se inscritas inúmeras pessoas de Guimarães e de diversas localidades, que deram à Comissão Promotora da merecida consagração a sua adesão espontânea.

O almoço, para o qual foi feito já convite ao Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal, efectuar-se-á às 13 horas do próximo dia 23 no amplo Restaurante Jordão, continuando a inscrição aberta até ao dia 16, imprudentemente e nas seguintes casas: Casa das Gravatas, Sapataria Luso, L. Oliveira & C.ª, assim como na sede da Junta de Turismo.

Aquelas pessoas que ainda se não inscreveram e o tencionem, devem, até ao mencionado dia 16, fazer a inscrição em alguma das casas acima citadas.

Agradecemos o convite que nos foi endereçado para esta homenagem.

Contrastes!...

Um menino quase homem

Notícias de Guimarães entrou no décimo oitavo ano da sua existência e é com grande satisfação que registamos esse facto. Vimo-lo nascer e têmo-lo acompanhado nos seus momentos mais espinhosos e também nos mais solenes e — quer nuns, quer noutros — nunca deixamos de sentir à acção dos seus espinhosos os efeitos dos seus triunfos. Quanto a estes, o seu passado é o maior e o melhor testemunho da sua realidade e só os espíritos dominados pela obsessão poderão ter compreendido o contrário. Agora, porém, que se encontra à porta da sua maturidade, essa circunstância mais estímulo lhe proporcionará para continuar na sua missão de bem servir os interesses desta terra e, portanto, de continuar a pugnar pelas justas aspirações dos Vimezanenses, muitas delas ainda sem realização.

E, assim, a sua existência manter-se à firme nos seus propósitos e intransigente na orientação que tem seguido. Não duvidamos de que muito

O Sr. Dr. Mariano Felgueiras expõe ao nosso jornal a sua opinião

O Sr. Dr. Mariano Felgueiras, que exerceu as funções de presidente da Câmara Municipal deste concelho durante bastantes anos, logo a seguir à proclamação da República, e que foi deputado da nação nas duas últimas legislaturas anteriores ao «23 de Maio», regressou recentemente a Guimarães, depois de 21 anos de ausência; estava, naturalmente, indicado para ser por nós ouvido no momento actual afim de darmos a conhecer aos nossos leitores o pensamento político das figuras vimezanenses mais em evidência nos dois campos que se degradam na presente campanha eleitoral.

Por isso o procuramos e, apenas lhe comunicamos o nosso desejo, imediatamente nos pôs à vontade, afirmando:

— Até estimo que me venha interrogar, pois me dá ensejo de esclarecer os meus contrários e antigos correligionários sobre a minha atitude política como membro que sempre fui do P. R. P., desde a minha mocidade, ainda antes, alguns anos, da proclamação da República.

Isso interessa-me, sobretudo, depois que li, publicada no «Diário de Lisboa», uma entrevista com o Sr. Manuel Serras, que se apresenta como secretário geral do P. R. P., pessoa sem dúvida ilustre e digna de todo o respeito, mas a quem nunca encontrei durante congressos do meu Partido nem me consta que alguma vez tivesse feito parte dos seus organismos dirigentes. E como fala, ignoro com que direito, em nome do Partido e se refere a circulares confidenciais que, diz ele, são do conhecimento geral de todos, mas não do meu, nas quais o Partido expressou o seu «ponto de vista», convém-me declarar que não acito «pontos de vista» do P. R. P. que não sejam os que, democraticamente, sejam proclamados nos seus congressos quando estes se possam realizar.

— Mas, perguntamos nós, não há um Directório do Partido com autoridade para definir a orientação partidária a quem os filiados devam, disciplinadamente, obediência?

— Não há. Desde 1926 nunca mais se realizaram congressos e aos membros do último Directório eleito não podem caber hoje outras funções senão a de se esforçarem por que seja permitido aos seus antigos correligionários reunirem-se afim de decidirem sobre a renovação do antigo programa partidário que, evidentemente, depois de tantos anos decorridos e da evolução formidável que tem havido em todos os problemas que interessam à vida e governo de uma nação, tem de ser inteiramente revisto,

modificado e ampliado, numa orientação que de novo o coloque no campo mais avançado das reivindicações sociais e políticas como sempre esteve e, sempre dentro, também, dos princípios imutáveis de uma rigorosa democracia.

— De maneira que V. discorde das declarações do Sr. Serras a respeito da candidatura do Sr. General Norton de Matos?

— Absolutamente. Dei, sem pedir licença ao Sr. Serras, o meu aplauso à escolha, em que não intervi nem tinha que intervir, mas que reputo felicíssima, dessa proeminente figura nacional, desse grande valor intelectual, moral e político, que é o Sr. General Norton de Matos. Votarei nele, se me deixarem, com todo o entusiasmo, na certeza de que ele constitui o mais lúcido e alto expoente de democracia de que eu sou, agora talvez mais ainda do que nunca, fervoroso adepto.

— Diz V. «se o deixarem»; então tem dúvidas sobre se, aberta como está pelo Governo, uma campanha eleitoral, lhe será permitido exercer o seu direito de eleitor?

— Enormes. E' possível, é mesmo muito provável que me aceitem a lista que queira introduzir na urna; mas do que estou certo é de que, se circunstâncias extraordinárias, que não prevejo, não vierem modificar a situação em que nos encontramos, o meu voto aparecerá contado nas actas eleitorais a favor do candidato do partido chamado União Nacional.

— E como será isso possível?

— Muito facilmente; pelo mesmo processo pelo qual nas eleições anteriores se contaram a favor dos candidatos governamentais os votos de 80 ou 90% de todos os eleitores inscritos no recenseamento e, todavia, é sabido, porque toda a gente podia ver, que as assembleias estiveram desertas.

— E a fiscalização?

— Fiscalização não existe, não está na lei pela qual o Governo avisa que terá de ser regulado o acto eleitoral e as actas são feitas em papel branco onde os membros das mesas eleitorais, nomeadas pelo Governo, podem escrever e assinar o que quiserem. E contra as actas, que são documentos autênticos, inatacáveis, nada há que fazer.

— De maneira que, pelo seu modo de ver, a presente campanha é inútil?

— Não. Ela serve para mostrar mais uma vez ao Governo, pela forma solene e bem calorosa e bem unânime que se está presenciando, que

PENUMBRAS

XIX

Evaristo estremeceu e olhou para ela com olhos duros. — Cala-te mulher, não me fales nisso.
D. Clara rompeu em soluços. — Então ela há-de morrer assim sem tratamento, quase ao abandono?
Evaristo para iludir a sua consciência e para se livrar dos seus braços de naufrago e das suas doridas súplicas, tomou uma resolução:
— Larga-me, vou buscar Ricardo! Esse paife não se há-de negar a vir.

Se a pequena está assim é por causa dele... E saiu pela porta fora.

D. Clara nos transe mais afilivos da vida ia ajoelhar-se sempre aos pés da imagem de Inaculada Conceição, reprodução fiel e perfeita da bela escultura de Samsó. Já sua mãe o fazia. Contavam-se coisas extraordinárias a respeito da sua intervenção miraculosa. Na verdade a cândida pureza do seu rosto luminoso, a esperançosa piepade dos seus olhos puros, virginais, voltados para o céu, a resignada atitude das suas mãos sobrepostas, bem junto do coração, davam a consoladora convicção de ser Ela uma permanente, solícita e valiosa mediadora entre o céu e a terra. Aquele seu manto azul recamado de estrelas douradas e as próprias estrelas do resplendor que circundavam a sua coroa de rainha dos céus, atestavam, no brilho refulgente, todo o seu poder sobrenatural... E naquele fio de luz que parecia desprender-se do seu olhar e marcar o rasto luminoso da sua assunção e encaminhar para o Céu todo o murmúrio ciciante, fervoroso e quente das suas orações.

lhe venha a dever o futuro e nesse sentido fazemos os votos mais ardentes, e acompanhados dos nossos cumprimentos de felicitações ao seu ilustre Director e nosso prezado amigo Sr. Antonino Dias Pinto de Castro.

Adeus, carroça!

Dizem-nos que está para breve o funeral da carroça do Correio e, em caso afirmativo, toda a população Vimezanense deverá agradecer à Providência essa alta mercê concedida à dignidade de uma terra que tem sido vítima desse ultraje. De facto, se a sua vida continuasse a subsistir, só um homem que não temesse ninguém seria capaz de a despachar para o outro mundo!...

D. Clara rezou por muito tempo cheia de fé e de confiança. O temor de perder a filha foi-se a pouco e pouco diluindo nas lágrimas esperanças das suas sentidas preces.
Entretanto Evaristo batia à porta do quarto de Ricardo e, sem esperar resposta, entrou ofegante.
Este, ao ver Evaristo, teve um sobressalto por recear que qualquer coisa de grave se tivesse passado, mas, apesar disso, encarou-o de sobreenho carregado.
— Maria Eugénia, a sua noiva, está a morrer, exclamou Evaristo! Já fomos desenganados pelo médico.

X.

Continua no 4.º página.

Águas passadas...

Precalços dos Hinos Nacionais

Atributos representativos da Nação: — Bandeira, Hino, Simbologia da velha religião — a Pátria.

A' hora do «sol nascente» a a República houve por bem fazer respeitar os seus símbolos. E decretou, quanto ao hino: que se fizesse com ele o remate dos concertos nos Jardins Públicos. Em posição de sentido e cabeça descoberta se devia ouvir.

Fosse, pois, ausência de educação cívica ou quê, a verdade é que nem todos se postavam, de cabeça descoberta, no momento da execução do hino nacional. Daí o reparo pelo contraste. E como não se trata — quanto ao temperamento dos portugueses — de gente fleumática, caso foi que, no Jardim Público, se começaram de dar incidentes. Para evitar os efeitos, algumas senhoras antecipavam-se, retirando. Saindo do foco, entendiam haver ganho a partida. Melhor fôra que, por cortesia, já que não queriam transigir, renun-

ciassem ao prazer da música, não indo ao Jardim.

Pelo que, este voltar de costas, desagradou. E logo alguém impetando com este desarvorar das damas, deliberou promover-lhes guerra... à mão armada.

Assim é que, na hora propiciosa um cidadão esturrado, fazendo barreira às fugitivas, bradou, trágico:

— *Alto!... Ninguém sai!...*

Para mais fortalecer a balisa e impor a rendição incondicional, agitava no ar um pistão.

Com tão espampanante atitude, as sensitivas denunciaram medo. E deliberaram não voltar ao Jardim Público. Mas, estava escrito que a coisa não ficaria pelos primeiros incidentes. Todas as Quintas-feiras e Domingos, o espectáculo tinha *reprise*. Para melhor efeito cénico, viera uma força de cavalaria assistir, em posição de continência, à execução do hino nacional no Jardim Público. Foi isto, em 1912, se bem o recorde.

a Nação esta contra ele, como também ele está contra a Nação.

— Mas, então, V. não reconhece o valor da obra governamental durante estes 20 anos de regime do Estado Novo?

— Eu reconheço o estado novo de miséria a que o contribuinte tem chegado no proveito único de uma oligarquia insaciável. Eu reconheço a asfixia dos Grémios, que impossibilitam o livre exercício de todas as actividades económicas da nação, que nos sorvem muitas dezenas de milhares de contos e são uma das causas primaciaes do insuportável encarecimento da vida neste país; eu reconheço que os orçamentos do Estado se fecham com saldos positivos à custa de empréstimos e do aumento colossal do imposto, que está absorvendo a riqueza nacional; eu reconheço que não nos é permitido discutir as contas públicas, nem criticar os actos governativos, nem manifestar a nossa revolta pelos esbanjamentos enormes em obras de muito discutível mérito e necessidade, com prejuizo de outras de maior e mais urgente interesse público; eu reconheço a posição vexatória em que nos encontramos de Portugal, uma das mais nobres e gloriosas nações do mundo, não ter lugar na organização das nações unidas; eu reconheço que nos atrofiámos nas escolas a inteligência dos nossos filhos dando-lhes a decoraçã das histórias falsas, incutindo-lhes doutrinas reaccionárias, vestindo-lhes fardas e fazendo-os marchar e rufos de tambor; eu reconheço que se dificulta por todos os meios o acesso às escolas superiores, das quais, além disso, são violentamente afastados os elementos mais cultos, e os valores mais altos do professorado português; eu reconheço que se gastam somas enormes de dinheiro, sem necessidade de documentação, na propaganda e apologismo da obra governativa; eu reconheço que se não pode discutir, que se não pode falar, que se não pode comunicar o nosso pensamento, que não podemos reunir, que a imprensa só pode dizer o que o Governo lhe manda, que a Emissora Nacional, que é paga pela nação, está ao serviço exclusivo e permanente do partido da União Nacional; eu reconheço que se acabou com a instituição, tão caracteristicamente portuguesa e democrática, do município e que os concelhos são administrados por criaturas estranhas aos seus interesses, nomeadas pelo Governo, e que, entre o interesse político do partido único a que pertencem e o das municipalidades, não podem hesitar; eu reconheço que, passado este ligeiro período que, graciosamente, nos é concedido para desabafarmos, iremos parar todos à cadeia ou ao Tarrafal, que, aliás, não é um campo insólito de concentração, como há dias explicou numa lúcida lição o catedrático Sr. Dr. Cavaleiro de Ferreira. Eu reconheço que não somos portugueses porque português só é quem pensar pela cabeça e pelos ensinamentos que nos dá, nas suas, embora raras mas estopantes encliticadas, o Sr. Dr. Oliveira Salazar...

— Basta Sr. Dr. Temos pena de que o espaço nos falte para prolongarmos esta entrevista, porque, sem dúvida, o Sr. Dr. nos passaria agora a expor os remédios a dar a tantos males que ao seu espírito e segundo a forma como encara a política nacional, se lhe apresentem; mas voltaremos, oportunamente, se no-lo permitir.

— Da melhor vontade continuarei a falar-lhe sobre este assunto quando entenda voltar, pois muito ainda me resta para lhe dizer.

E assim bem por finda esta entrevista, cujas afirmações e conceitos são, como é óbvio, da inteira responsabilidade do entrevistado.

A. L. de Carvalho.

EXPLICAÇÕES

— Instrução primária
— 1.º ano do Liceu
— Curso de Comércio

Dão-se informações nesta Redacção.

Lêdo e propagal e «Noticias de Guimarães»

AVALIAÇÃO

de prédios urbanos para efeito de rendas

Quando tivemos a primeira oportunidade de aqui fazer algumas considerações sobre o assunto referente à epigrafe que hoje repetimos pela terceira vez, não o fizemos com a intenção de abusar do bom acolhimento que sempre temos encontrado no «Noticias» nem a de nos tornarmos imperipientes perante a paciência das pessoas que nos dispensam a gentileza de ler os nossos modestos escritos. Porém, a transcendência do assunto em questão deu lugar à segunda dose e, à última hora, surgiu-nos matéria para a terceira — que é esta — com certeza aquela que vai rematar as considerações à volta do referido assunto. Na presença de tais circunstâncias, a outra conclusão não podemos chegar senão à de que se trata de um caso de interesse para a opinião pública, em face da gravidade do mesmo e conforme o que ficou dito nos arrazoados anteriores. Desta vez, foi-nos solicitado o seguinte: Que não deixassem sem uma ligeira referência o facto de não fazer parte das Comissões nomeadas, para procederem às avaliações, a respectiva Autoridade Sanitária, evidentemente o Delegado de Saúde de cada concelho. O autor dessa sugestão justifica o seu modo de ver sob o aspecto de não ser apreciado o factor hygiene em todos os seus detalhes ou pormenores sem a intervenção de quem se encontre nas condições exigidas para se poder pronunciar com autoridade técnica sobre as deficiências de salubridade de qualquer habitação e o que, sem dúvida, deverá ter apreciável influência na importância do rendimento colectável, em íntima correlação com o valor atribuído a um prédio nessas condições. Nas anteriores considerações a propósito de tais avaliações, já fizemos os nossos comentários aos incontestáveis efeitos da falta das mais rudimentares condições higienicas de uma casa de habitação e, por isso, não nos passou despercebida essa allusão, embora não tivéssemos previsto a falta da Autoridade Sanitária na composição das citadas Comissões. No entanto — e com o devido respeito por qualquer opinião em contrário — não se nos afigura tão prejudicial como a primeira vista possa parecer a falta de um médico para se avaliar, em tais casos, da falta de salubridade de uma habitação. Quem não sabe, por exemplo, que uma casa sem um simples quarto de banho, com retretes à *antiga portuguesa*, com aposentos sem sol, com ninhos de percevejos instalados nas frestas dos tectos, etc., etc., passa a ser uma casa em péssimas condições para a saúde de quem a habitar, quer se trate do inquilino quer se trate do próprio proprietário? Quem não sabe, também, que uma casa velha — onde os cortinados de teias de aranha se renovam de momento a momento — com dependências desconfortáveis e muitas outras deficiências deixa de corresponder a uma habitação condigna? O que se torna necessário — e disso ninguém deverá discordar — é que as pessoas que constituírem essas Comissões examinem com escrupuloso cuidado o estado de saneamento em que a habitação se encontrar, independentemente dos outros requisitos a que deve satisfazer uma habitação que se possa classificar, pelo menos, de regular. E se há terras onde é exigido esse escrupulo e essa atenção, Guimarães é uma delas, pois a maior parte das casas alugadas — com excepção de algumas construções modernas — são autênticos *paradiços*! E não exageramos nesta afirmação, porque, infelizmente, ela corresponde à verdade. Dizem-nos que alguns senhorios desta cidade, com casas nas piores condições de hygiene e de conforto, já requereram a avaliação que a Lei lhes confere e nós nada mais esperamos do que a justiça e a imparcialidade com que essas avaliações serão feitas, atentas as qualidades de critério, de escrupulo e de humanidade de que serão dotadas as pessoas que foram escolhidas para esse fim. Assim o pensamos e assim acontecerá, visto que, para tão delicada missão, outra coisa não é de esperar por parte de quem tiver de a desempenhar. Dentro desta ordem de ideias, os senhorios gananciosos verão a sua ganância reduzida à expressão mais simples e os inquilinos não serão prejudicados na justiça a que tiverem direito. E assim damos por terminada a nossa intervenção neste assunto de interesse geral, que reclama para César o que é de César e para Deus o que é de Deus!

S. M.

Beneficência do «Noticias»

Recebemos para os nossos pobres, em nome dos quais agradecemos:

Do Sr. Afílio Carneiro	20\$00
Do Sr. Dr. Augusto Luciano Guimarães, sufragando a alma de sua saudosa filha Maria Bernardina, cujo aniversário fúnebre passou em 29/12	50\$00
A transportar.	70\$00

No MEU

CANTINHO

Há já anos e anos que entre o aterrador publicista da Cabreira e o apagado *geresino* existe uma afeição profunda e inquebrantável.

A maneira gentil como recebeu a minha derradeira farpá, de rijeza bem dura, é a prova da minha afirmação.

Pois somos tão diversos nos feitos!

Eu guardo os meus recortes pequenotes, como um usurário guarda as libras.

Alves Vieira não conserva um único exemplar da maior parte dos seus livros!

Custa a crer, mas é assim. E' a confissão do Escritor.

Há longos anos que o eminente Amigo se queixa das suas pertinazes enxaqueas.

E' coisa que eu não conheço. Nem desejo conhecer.

Quando, em 27 de Novembro, recebi o 2.º volume das *Questões de Lingua Pátria*, de Xavier Fernandes, e olhei o seu formato em quarto e recordei o 1.º volume, de há mais de 20 anos, com o lindo formato em oitavo — Verdade! Verdade! — recei uma enxaquea.

Pois não passou do receio.

Acreditem, meus leitores: O Editor dos dois volumes foi o mesmíssimo Alvaro Pinto. No Rio foi o 1.º. Foi em Lisboa o 2.º. Terá desculpa este caso. A minha estante protesta. E eu vou com a minha estante.

Ambos os volumes têm valor bem decidido.

Mas aquele senão dos dois formatos quase me dão a enxaquea.

Vai prã Cabreira, Maldita.

Li sempre com interesse todas as homenagens a Magalhães Costa.

Saboreei deliciosamente a de Manuel de Boaventura.

Aquele *celoriquenho* aplicado à região de Celorico de Basto fez-me insistir no *guardenha* e *guardenha* a guerrear o menos melodioso *guardense*.

Ao meu ouvido duro dá melhor.

6.

Bispo da Guarda

Regressou, há dias, à sua Diocese da Guarda, o nosso ilustre conterrâneo Rev.º Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que durante a sua permanência em Guimarães foi muito cumprimentado.

VISITA PASTORAL

S. Ex.ª Rev.ª e Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, realizou, no pretérito domingo, a sua Visita Pastoral à freguesia de Santo Estêvão de Urgezes, onde foi carinhosamente recebido e entusiasticamente aclamado, tendo nesse mesmo dia procedido, solenemente, ao lançamento da 1.ª pedra para o novo templo paroquial, acto que decorreu com muito brilho.

O Prelado presidiu a actos do culto e dirigiu aos paroquianos de Urgezes uma brilhante allocução, sendo escutado com o maior respeito por muitas centenas de pessoas.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

A CANDIDATURA do Sr. Marechal Carmona

Foi muito concorrida a sessão de propaganda promovida pela União Nacional e realizada no Teatro Jordão no passado dia 11

Promovida pela Comissão Concelhia da União Nacional e perante uma grande assistência que encheu por completo o Teatro Jordão, realizou-se na terça-feira última, pelas 21,30 horas, a anunciada sessão de propaganda da candidatura do Sr. Marechal Carmona à Suprema Magistratura da Nação.

Presidiu à sessão o Sr. Engenheiro Pereira Caldas, Subsecretário de Estado da Agricultura, secretariado pelos Srs. Major Armando Nery Teixeira, Governador Civil do Distrito e Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal.

No palco viam-se, entre outras individualidades, os Srs. Dr. Francisco Malheiro, presidente da C. D. da U. N.; Dr. João Rocha dos Santos, presidente da U. N.; Coronel Graciliano Marques, vice-presidente da C. D. da U. N.; Dr. Felicissimo Campos, presidente da Junta de Província; Dr. Henrique Cabral, Delegado do I. N. T.; deputados Drs. Augusto Cerqueira Gomes, Marques de Carvalho, Alberto Cruz e Braga da Cruz; Cap. Alberto Rebelo Branco, Cap. João Gomes de Abreu de Lima, Cap. José Maria de Magalhães Couto, Presidente do Grémio da Lavoura; Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Tenente Manuel Peres, Comendador Alberto Pimenta Machado, Aprígio da Cunha Guimarães, João Martins da Costa (Aldão) e Manuel Faria, vereadores da Câmara Municipal; Dr. João Martins de Freitas, José de Oliveira Pinto, José Maria Pinto de Almeida, José Mendes Ribeiro Júnior, comandante da L. P.; P.º José Carlos Simões de Almeida, director do Internato Municipal; Escultor António Azevedo, Director da Escola Industrial e Comercial; Engenheiro Alexandrino Mendes de Almeida, comandante dos B. V.; Manuel de Freitas Guimarães, Anadeu Guimarães, Presidente do Sind. dos Caixaeiros; Julião Carneiro da Silva, Chefe dos CTT; Dr. Marino de Carvalho, Dr. Costa Antunes, Eduardo Leite de Faria, etc., etc., e ainda componentes dos S. N. com as suas bandeiras.

Nos camarotes viam-se muitas senhoras.

A sessão decorreu num ambiente de exaltação nacionalista, ouvindo-se por vezes vivas a Carmona e a Salazar, a Portugal e ao Estado Novo.

O primeiro orador da noite foi o Sr. Governador Civil que pronunciou o discurso que publicamos na primeira página.

Seguiu-se no uso da palavra, o Sr. Coronel Graciliano Marques, vice-presidente da comissão distrital da U. N., que fez um bosquejo da história da cidade, após o que afirmou que a escolha do Chefe do Estado definiria, fundamentalmente, e em última análise, se queremos voltar ao passado ou continuar a Revolução Nacional. Criticou os tempos da liberdade, em que se praticavam crimes e perseguições e se ateava a luta dos partidos, e afirmou: — Nós queremos a liberdade da pessoa humana, por ajustamento das leis, ao fim temporal e sobrenatural do homem! Aclamamos o Sr. Marechal Carmona, árbitro supremo dos nossos destinos, e o mais seguro condutor dos nossos ideais, com todo o entusiasmo dos nossos corações!

O Sr. Dr. Henrique Cabral, delegado do I. N. T., em Braga, apreciou demoradamente, a obra metódica de realizações e renovação espiritual do País, começada em 28 de Maio de 1926, depois do que se referiu à tumultuosa política, à tumultuosa vida pública nacional e aos tumultuosos reflexos daquelas nas chancelarias e nos meios estrangeiros, no período que precedeu o começo da Revolução Nacional.

O deputado Sr. Cerqueira Gomes, lembrou que os portugueses vão ser chamados a designar o supremo magistrado da Nação, lugar que se reveste da mais alta dignidade política e moral, após o que focou a personalidade do Sr. Marechal Carmona e se referiu, nestes termos, à Oposição: — Vê-se que, infelizmente, nada aprenderam nem compreenderam, nestes vinte e dois anos de saudável clima nacional.

E a terminar: — O País que abra bem os olhos e saiba aprender com a desgraça alheia. Para os portugueses conscientes não há nem poder haver dois candidatos. Há um candidato nacional, o Sr. Marechal Carmona que preside aos destinos da Nação!

Falou, a seguir, o Sr. Dr. Marques de Carvalho, que, depois de saudar a cidade e o povo de Guimarães, disse: — Vai efectuar-se a eleição presidencial, que — no quadro das nossas instituições constitucionais — é o acto cívico mais transcendente que o País pode ser chamado a realizar. A Nação detentora da soberania, escolhe directamente o Chefe do Estado, em quem delega a sua representação permanente para a designação dos governantes. A esse acto cívico, ao seu acerto ou desacerto

ficam decisivamente ligados os destinos do País. Sendo assim, só por demência, só por um ataque de loucura suicida poderia admitir-se que o País votasse no sentido de um retorno àqueles tempos de desenfadada demagogia em que a bomba, as revoluções, os tumultos, a desordem permanente e as más contas pareciam entoar o «de profundis» de uma pátria!

E, a terminar, o orador disse: — Aqui, em Guimarães, onde se apontara aos rumos do destino o aparecimento de Portugal, onde se iniciara a nossa maravilhosa galeria de reis sem igual no Mundo e se vencia a intromissão das hostes que, ao serviço do exterior, se apresentavam a combater a Pátria nascente: aqui, em Guimarães, onde viemos todos em 1940 — à voz do comando de Salazar — trazer os oito séculos de História a recolher e a proclamar as suas origens: aqui, mais que em qualquer outra parte, há que dizer à Oposição: «Não! Não! e Não!»

Por último, usou da palavra o Sr. subsecretário de Estado de Agricultura, que, após ter agradecido as saudações ao governo, e de sublinhar o êxito da sessão, afirmou: — Esse êxito em nada surpreenderia, desde que se considere a certeza, a permanência dos princípios que defendemos e a categoria e o alto revelo moral e mental dos homens que, com brilhantismo notável tomaram o encargo de os reavivar aqui; e se tal fosse necessário o espírito da Revolução Nacional e de retemperar a nossa fé nos destinos da Pátria, redimida sob a égide do Estado Novo.

Desse alto, da elevação que se tem verificado, em palavras e escritos de todos os que têm, pelo nosso lado, o encargo de esclarecer o País, que sinceramente deseja ser esclarecido, sobre o verdadeiro significado da eleição presidencial, é superior testemunho, é mais fulgurante exemplo, excedendo a tudo e a todos, a prestigiosa figura de Salazar, que, no seu genial discurso de há dias, pôs, nitidamente, o problema à consciência do País.

E terminou afirmando: — E, pois, que se trata de jogar os nossos destinos e defender o nosso património material e espiritual, iremos para a luta e podemos ir já certos da vitória.

Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos e, com frequência, interrompidos com palmas e «vivas» aos Chefes do Estado e do Governo, manifestações que foram muito prolongadas e ainda mais entusiásticas no final.

Rotary Club de Guimarães

Voltou a reunir, na quarta-feira e pela primeira vez no corrente ano, o Rotary Clube de Guimarães, tendo presidido o Sr. Dr. Eduardo Borges de Mascarenhas, secretariado pelo Sr. Leandro Martins Ribeiro.

O Sr. Presidente ao abrir a sessão apresentou a todos os presentes os seus cumprimentos e referiu-se à distribuição do BONO DO NATAL, congratulando-se pelo êxito obtido.

Passou-se à leitura do expediente após o que se trocaram impressões sobre outros assuntos, usando da palavra os Srs. Leandro Martins Ribeiro, António de Sousa Lima, Dr. João Mota Prego de Faria e Dr. Eduardo Borges de Mascarenhas.

A quete realizada no decorrer da sessão para o fundo Paulo Harris rendeu 190\$00.

Siga o nosso conselho

Para comprar Gabardines, Sobretudos, Zambrenes e Trincheiras, prefira a marca *Eagle*. Cores garantidas. Corte elegante.

Na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS.

Atendam-se os baixos do prédio no Largo da República do Brasil n.º 45, próprio para qualquer Ramo de Comércio.

Serenamente...

O mando baseado na opinião e na imaginação governa durante certo tempo e o seu governo é suave e voluntário; o império da força reina sempre.

Assim, a opinião será a rainha do mundo, e a força o seu tirano.

Pascal-Pensées.

Lemos em O Primeiro de Janeiro de 8 do corrente o discurso do Sr. Presidente do Conselho proferido na sessão inaugural do Congresso da União Nacional.

Nem paixão, nem pensamentos reservados, nem antecipada intenção de dizer não quando fosse justo dizer sim, nos levou a fazer essa leitura, mas, apenas o desejo de nos esclarecermos sobre o pensamento de quem, há tantos anos, detem o mando, o governo, com uma latitude de poderes que jamais governante algum teve em Portugal nos últimos 150 anos.

Lemo-lo com a desapaixada objectividade com que leríamos velho e amarelado pergaminho onde o misticismo medieval nos contasse as grandes virtudes e os muito verídicos prodígios de algum Santo milagreiro, protector e guardião de corpos e almas, cuja imagem se venerasse no altar de já hoje esquecida e demolido capelinha serrana.

Que Sua Excelência fosse enérgico, áspero, e mesmo rude, nas apreciações ou críticas que entendesse dever fazer às ideologias, aos princípios que a Oposição representa, esperávamo-lo, e, por que não dizê-lo?, até o desejávamos.

Aspreza, rudeza até, não são incompatíveis, supomos, com as boas normas de convívio social, nem com a dignidade do poder, e têm o mérito de tornar mais viva, cortante e nítida, a diferença de critérios, princípios, meios e fins que se debatam e estejam em causa.

Enganamo-nos, porém, na nossa expectativa.

Bem desejaríamos dizer aqui os porquê da nossa desilusão, fazer, repousada e circunstanciadamente, a análise da oração de Sua Excelência, mas nem o tempo, nem o espaço de que dispomos tal nos permite. Por isso, limitar-nos-emos a focar uma das frases que mais nos impressionou, por mais vivamente ferir a nossa enraizada consideração e respeito por todas as ideias, critérios e princípios que alguém possa ter ou defender, sejam ou não concordes ou afins com as nossas próprias opiniões, exigindo apenas dos seus defensores ou pugnadores que sejam sinceros, honestos e leais na sua defesa e expressão.

Queremo-nos referir à passagem do discurso em que o orador afirmou que.....

..... «O regime não tem de admitir ou enxertar na sua estrutura os princípios contrários, mas de desenvolver a aplicação dos próprios».

Supomos que a interpretaremos correctamente o pensamento de Sua Excelência atribuindo à palavra «regime» a significação de Estado, Governo, ou qualquer outra que signifique organização e estrutura política da nação.

Evidentemente que todos os regimes têm estrutura e princípios próprios, e indiscutível se nos afigura que aos governos cumpre a indeclinável obrigação de, sob pena de atraçoarem a sua missão, promover o desenvolvimento e a aplicação desses princípios e solidificação dessa estrutura.

Mas evidente e indiscutível é também, que tal estrutura e princípios devem resultar, têm necessariamente de resultar, de uma perfeita síntese, de todas as ideias, doutrinas, de-

sejos e aspirações dos povos que os regimes orientam e conduzem à realização dos seus superiores destinos históricos.

Se assim não for, se na formulação dos princípios orientadores e sua estruturação se atender somente à vontade de alguns, teremos pela frente apenas uma monstruosidade social, e nunca um Estado, Regimen, ou o que lhe queiram chamar, verdadeiramente digno desse nome e da sua missão. Teremos um governo de facção, oligárquico, minoritário, aristocrático, de «Elites» (?) se assim quiserem, mas não um governo que, com verdade e sem sofismas, possamos considerar, e seja efectivamente, o legítimo e legal representante da Nação.

A História, a Grande Mestre da vida — desculpem-nos, por favor, o lugar comum — ensina-nos e mostra-nos as trágicas consequências que para os povos sempre resultaram de governos desta espécie.

Da sábia e democrática Grécia — a antiga, entenda-se — chegou mesmo até nós o nome porque, através dos tempos, esses governos ficaram a ser conhecidos: — TIRANIA.

Reposto assim no seu verdadeiro pé o problema político que a afirmação do Sr. Presidente do Conselho levantou, fácil é de ver, supomos, as razões por que nós os da Oposição Democrática, e com-nosco a grande, a imensa maioria do povo português, nos recusamos a aceitar as afirmações de Sua Excelência, antes exigimos e queremos um governo que seja, sem sofismas, e com verdade, o legítimo representante de todos os portugueses.

Para isso, porém, necessário é que o Chefe de Estado a quem incumbirá a escolha desse governo seja, por sua vez também, e indubitavelmente, o lúcido representante dos anseios, desejos e ideais da grande maioria dos cidadãos chamados a elegê-lo. E só o poderá ser, e só o será, se a todos os eleitores for dada a facilidade, o direito, de, sem peias, sem ameaças, sem temor de represálias, livremente manifestarem a sua opinião, e de, livremente também, fiscalizarem os resultados dessa manifestação de vontade.

E' isto, apenas isto, o que quer a Oposição Democrática.

Satisfaça o Sr. Presidente do Conselho as legítimas reclamações do Candidato da Oposição, permita que as urnas falem livremente, e então, mas só então, poderemos verificar se a estrutura e os princípios do regimen que Sua Excelência representa, se identificam ou não com a estrutura e os princípios que estão na alma, e no querer do Povo Português.

F. Pinto Rodrigues.

A quem de direito

Chama-se a atenção dos Serviços de Limpeza da Câmara Municipal para a Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, visto que o lugar onde existiu a muralha se encontra transformado numa montureira, o que causa desagradável impressão e atenta contra a saúde dos moradores daquela nova artéria da cidade.

Oxalá, pois, que sejam tomadas imediatas providências.

TRANSFORMADOR

Vende-se em estado de novo, marca «Aseia», de 25 kws., para corrente de 220 volts., por motivo de aumento de indústria. Informa-se nesta redacção.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos :

No dia 11 o nosso bom amigo Sr. João de Freitas, comerciante da freguesia de Urgezes; no dia 12 o nosso bom amigo sr. António de Oliveira Buraca, do Lugar do Cruzeiro; no dia 16 a menina Maria Isabel Ribeiro Portilha, filha do nosso amigo sr. Amadeu Soares Portilha; no dia 17 o nosso prezado amigo sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e o menino Armindo, filho do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 18 o nosso prezado amigo sr. Dr. Alberto Maria da Silva Carneiro; no dia 19 as srs. D. Custódia de Sousa Guise Campos, esposa do nosso bom amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos e D. Maria dos Anjos Teixeira de Freitas Carneiro, esposa do nosso bom amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro; o nosso prezado amigo sr. capitão Duarte Braga e a menina Clotilde Cardoso do Valle; no dia 20 os nossos prezados amigos srs. António Vaz da Costa, importante industrial; António Cardoso Rodrigues, conceituado industrial no Pevidém e António Martins Ribeiro, de Balazar (Braga); no dia 23 os nossos prezados amigos srs. João de Almeida Ribeiro, conceituado industrial, Manuel Coelho, residente em Torres Novas e Joaquim Martins.

Noticias de Guimarães apresentalhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Comendador Dr. Francisco Meireles, de Celorico de Basto.

Esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo e distinto Colaborador Sr. A. L. de Carvalho, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

Das suas propriedades de Sande regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos.

Têm estado nesta cidade os nossos prezados amigos srs. António José Ferreira, residente em Faro e Isidro José Dias Pinto, de Portalegre.

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Domingos Martins Guimarães.

Doentes

Tem passado doente o nosso prezado amigo e distinto Veterinário Municipal sr. Dr. José da Conceição Gonçalves, a quem desejamos breve e completo restabelecimento.

Tem passado doente a esposa do nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Alexandre de Brito Sampaio. Desejamos as melhoras da bondosa enferma.

Tem passado doente a sr.ª D. Aurora Correia P. Lisboa, esposa do nosso prezado amigo e importante industrial sr. Augusto Pinto Lisboa. Desejamos as suas melhoras.

Operação

Na Casa da Saúde da Boavista foi há dias submetido, com muito êxito a uma melindrosa intervenção cirúrgica, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Domingos de Almeida Ribeiro, filho do nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro, importante industrial.

Foi operador o distinto clínico português sr. Dr. João de Almeida. O doente que vai experimentando sensíveis melhoras tem sido visitado por muitas pessoas que se interessam pela sua saúde.

Desejamos-lhe o breve e completo restabelecimento.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Manuel Bernardo Alves

Com a avançada idade de 88 anos e na residência de seu filho, o nosso prezado amigo Sr. Manuel Alves de Oliveira, distinto director da Revista Gil Vicente, à Rua de Francisco Agra, finou-se o antigo industrial Sr. Manuel Bernardo Alves que no meio vimaranesense gozava de muita estima.

O extinto era sogro da Sr.ª D. Maria Cecília Cardoso Alves de Oliveira e avô das Srs. D. Maria Cecília Alves de Oliveira, D. Maria Manuela Alves de Oliveira e D. Maria Filomena Alves de Oliveira.

O seu funeral, que esteve muito concorrido efectuou-se na terça feira no templo da Misericórdia, onde às 11 horas foi rezada missa do corpo presente, perante numerosa e selecta assistência composta por médicos, advogados, officiais do exército, sacerdotes, professores, comerciantes, industriais, proprietários, empregados do comércio, etc., etc.

Após os officios fúnebres o cadáver foi removido, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério Municipal.

Organizaram-se dois turnos, pegando às borlas do ataudé os Srs. Provedor e Mesários da Santa Casa da Misericórdia; Dr. João Rocha dos Santos, Presidente da U. N.; António Pimenta, Rev. Comendador

Augusto Borges de Sá, Dr. Augusto Luciano Guimarães, Dr. Armando Teixeira de Faria, João Pinto de Figueiredo, Luis Gonzaga Pereira.

A chave do caixão foi entregue ao Sr. Dr. Carlos Augusto de Carvalho Saraiva Brandão, amigo íntimo da família dorida.

Vimos entre a assistência: Presidente da Câmara Municipal, Presidente da U. N., Comandante da L. P., Mesa da Santa Casa da Misericórdia e Corpo Clínico, Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, etc. assim como as Internadas do Asilo de Santa Estefânia, Entrevados da Santa Casa da Misericórdia, etc.

Noticias de Guimarães fez se representar pelo seu director que também representava o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, e apresenta sentidos pêsames à família dorida, especialmente ao seu prezado amigo Sr. Manuel Alves de Oliveira.

D. Custódia Margarida Costa

Na sua residência, à rua Dr. José Sampaio e confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja, finou-se, ontem, de madrugada, após prolongados sofrimentos e contando go anos de idade, a Sr.ª D. Custódia Margarida Costa, esposa amantíssima do nosso prezado amigo e conceituado industrial de barbearia, Sr. Simão Costa, a quem acompanhamos no grande desgosto porque acaba de passar, apresentando-lhe sentidos pêsames.

O funeral da bondosa senhora, que era dotada das mais acrisoladas virtudes, realiza-se hoje, às 9 horas, na capelinha de N. S.ª da Guia, saindo o féretro às 8,30 horas da sua residência.

D. Maria da Soledade Oliveira e Silva

Na sua Casa da Quinta das Pedras, em S. Martinho de Sande, faleceu a Sr.ª D. Maria da Soledade Oliveira e Silva, tia e madrinha da Sr.ª D. Assunção Fernandes Gonçalves da Silva Braga e dos Srs. Fernando Braga Gonçalves da Costa e Henrique Gonçalves da Costa, Chefe da Contabilidade Central do Porto.

Apresentamos-lhe sentidos pêsames.

António Freitas Costa

Na sua residência, à rua de D. João I, finou-se, há semanas, o Sr. António Freitas Costa, comerciante, cujo funeral se realizou no templo da Misericórdia, com numerosa assistência.

Os nossos pêsames.

De luto

Pelo falecimento de sua mãe ocorrido há dias na Rna d'Arcela, onde residia, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e industrial Sr. Jerónimo Lopes, a quem apresentamos condolências.

Vida Católica

Mártir S Sebastião — No dia 20 realiza-se no templo de S. Dâmaso, na forma dos demais anos, a festividade em honra de S. Sebastião que promete revestir grande esplendor, havendo de manhã às 9 horas missa rezada e distribuição de pão aos pobres; às 11 horas missa solene e às 18 horas, Exposição, sermão pelo talentoso Abade da Foz Rev. Manuel Dias da Costa, Te-Deum e bênção do SS.º Sacramento.

O templo ostentará lúxua decoração da Casa Eugénio & Novais.

S. Sebastião dos Milagres — No dia 30 do corrente realiza-se no templo paroquial de S. Sebastião (Dominicas) a festa anual em honra de S. Sebastião dos Milagres, a qual será precedida de uma Missão Religiosa.

Diversas Notícias

O apeadeiro de Aldão

Pedem-nos para que chamemos a atenção da Companhia dos Caminhos de Ferro para o facto de o apeadeiro de Aldão se encontrar sem guarda o que pode dar origem a graves desastres. Em tempos alguém dirigiu à Companhia uma exposição em que se lhe fazia ver as funestas consequências que poderiam advir da falta de guarda naquele apeadeiro, apesar disso o caso não foi ainda resolvido.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao L. do Tournal.

Santa Casa da Misericórdia

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia acaba de adquirir um aparelho para tratamento de certas doenças internas, bronquites, etc., por meio da aspiração da penicilina e do oxigénio.

Igualmente foi adquirido um aspirador eléctrico para serviços de cirurgia, balanças para pesagem de crianças e adultos, uma cadeira operatória para o Gabinete da especialidade de Oto-rino-laringologia e um tensiometro, este oferecido pela Casa Bachelar & Irmão, da cidade do Porto.

Bombeiros Voluntários

A firma António José Lopes Correia F.º, do Pevidém, entregou a

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21 horas

Charles Boyer Ann Blyth em Vingança de Mulher Naquele sorriso de Gioconda estava a promessa dum amor ou a perfídia duma traição?

Terça-feira, 18, às 21,30 horas: Uma obra vibrante de emoção! A CASA DA COBIÇA com: Kieron Moore, Dulcie Gray e Margaret Johnston.

Quinta-feira, 20, às 21 horas: Ray Milland Teresa Wright em A MUNDANA A luta entre o amor e o dever!

ANTÓNIO VAZ DA COSTA

Este nosso prezado Amigo e estimado industrial local, festeja, no dia 20, mais um aniversário natalício. Aproveitando tão solene data os seus empregados associam-se de alma e coração àquele festivo acontecimento, em reconhecimento pelas altas qualidades de seu dedicado Chefe, e patenteiam-lhe a sua indelével gratidão por todos os benefícios prestados, desejando sinceramente que esta data continue por muitos anos no meio das maiores felicidades para si e sua Ex.ª Família.



Agentes Transitários e Camionistas Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio. JOSE DE MELLO & CA Casa fundada em 1828 ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 87 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados) EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO CASA CHAFARICA (REGISTADA) Largo do Tournal, 70 a 73 — Telefone, 4806 — GUIMARÃES Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas CORRESPONDENTES de: Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros. DEPOSITARIOS de: Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos. Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão. Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços officiais. SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

VENDEM-SE por preço barato duas moradas de casas, em Fafe, situadas na Rua Luís de Camões N.º 12 a 18. Falar com Januário de Oliveira, Arco de Baulhe. Anunciar no «Noticias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

